

## **AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS NA TRANSIÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL – 1º e 2º ANOS**

Vasti Gonçalves de Paula<sup>1</sup>

Hozana Azevedo Rocha<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O artigo em tela tem como objetivo verificar como ocorre o processo de transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental e identificar os principais impactos dessa transição na vida das crianças focando os 1º e 2º anos das séries iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa é de natureza qualitativa e foi realizada numa escola privada no município de Serra/ES. Buscou-se ouvir os profissionais da área da educação da escola pesquisada, do espaço de aulas de reforço, fora da escola e uma Psicóloga que presta assessoria à escola. Os dados da pesquisa são resultantes do que foi relatado pelos sujeitos participantes do estudo, sendo interpretados por meio de suas narrativas, das observações realizadas dentro das salas de aulas e dos relatos dos pais em suas perspectivas diante do que vivenciam e/ou vivenciaram. Os diálogos teóricos foram estabelecidos com Rocha (2004), Corsaro (2005); Pinto e Sarmiento (1997) Arroyo (1999); Dentre os resultados da pesquisa destaca-se que, apesar da implementação de práticas pedagógicas mais adequadas, os impactos na transição da educação infantil para o ensino fundamental são grandes e os alunos continuam invisíveis em sua condição crianças que ainda são, diante do modelo de aluno que se deseja e espera na nova etapa do ensino fundamental.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Ensino Fundamental, Transição

### **1 INTRODUÇÃO**

O assunto proposto nesse texto tem permeado as discussões ao longo do curso de Pedagogia fazendo-se presente na maioria das disciplinas.

De um lado, as discussões teóricas apontam para a importância da dosagem

---

<sup>1</sup> Professora da Faculdade Doctum da Serra/ES e Orientadora o TCC. Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>2</sup> Pedagoga, egressa da Faculdade Doctum da Serra/ES.

e equilíbrio entre a prática pedagógica/aprendizado em relação ao recebimento de crianças já alfabetizadas como um requisito facilitador para o ingresso na etapa seguinte à educação infantil. De outro lado, no entanto, verifica-se na prática que, tudo o que se espera no ensino fundamental é uma criança quase pronta a se adequar aos modos de ser aluno e de se enquadrar agora ao espaço de uma escola realmente. Assim, a infância e a criança permanecem invisíveis ao adentrar o novo espaço escolar. A partir dessas discussões é que o presente tema desse artigo se constituiu como foco de interesse para investigação na realização do Trabalho de Conclusão de Curso de uma das autoras.

A inquietude, provocada pelas discussões ao longo do curso de Pedagogia, ratifica o que diz Motta (2010) em seu estudo de doutorado, quando afirma dentre outros aspectos, que alunos não deixam de ser crianças e que mais pesquisas precisam ser realizadas sobre as culturas infantis dentro da escolarização formal.

Sob essa ideia buscou-se investigar a seguinte questão: Quais os impactos presentes na transição da criança da educação infantil para o ensino fundamental?

Objetivou-se com o estudo entender como ocorre o processo de transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental; identifica os impactos psicossociais causados às crianças que saem da educação infantil e ingressam no ensino fundamental; conhecer as práticas organizativo-pedagógicas desenvolvidas na escola de ensino fundamental para a acolhida às crianças vindas da educação infantil; conhecer como são trabalhadas e consideradas as culturas infantis e escolares e refletir sobre a avaliação praticada no contexto do ensino fundamental.

## **2 DIALOGANDO COM TEÓRICOS: UMA BREVE REVISÃO DE LITERATURA**

Muitas são as contribuições acerca deste tema. Para a realização deste artigo buscou-se contribuições de três pesquisas, em nível de mestrado e doutorado, que abordam questões relacionadas com o processo de transição da criança da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

Motta (2010) em sua tese de doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro aborda as transições e as rupturas entre a educação infantil e o ensino fundamental com o objetivo de investigar a passagem das crianças da educação

infantil para o ensino fundamental e a ação da cultura escolar sobre as culturas infantis transformando os agentes sociais de crianças em alunos.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal de Três Rios no Rio de Janeiro, durante três anos letivos entre 2007 à 2009, onde foram observadas crianças do 3º período da educação infantil até o 2º ano do ensino fundamental.

Os principais teóricos trabalhados pela autora foram: Bakhtin (2002; 2000; 1998;1997); Vigotski (2001; 2000; 1998; 1997); Foucault (1992; 1988; 1977); Certeau (1994) e Sacristán (2000; 2005). Dentre os resultados apontados destaca-se que as crianças não deixam de ser crianças por se tornarem alunos, que independente de faixa etária e contexto, elas pertencem a um grupo geracional com características e culturas própria e que merecem ser respeitadas e estudadas.

Seu posicionamento se justifica quando, dentre outras observações, registra-se um momento em sala de aula onde destaca-se dois comportamentos diferentes vivenciados por alunos do 1º ano do ensino fundamental. Um grupo de crianças dominava as regras características de sujeito social enquanto alunos e o outro grupo foi adquirindo esse repertório progressivamente ressaltando-se que essa progressão não se deu sem resistência e reações.

Nesse mesmo sentido, trazemos a segunda pesquisa, a de Nogueira (2011), em nível de doutorado e apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Educação na Universidade Federal de Pelotas/RS. O estudo tem como questão norteadora a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos e o ingresso obrigatório das crianças aos seis anos de idade. A autora questiona se essas ampliações possibilitaram maior articulação entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, uma vez que ambas as etapas de ensino deveriam ser reestruturadas. A pesquisa foi realizada em uma escola Municipal de Pelotas/RS, sendo observados alunos da pré-escola entre os anos de 2009 e no 1º ano em 2010. Foram entrevistados gestores da Secretaria Municipal e gestores escolares, além de professores e alunos. Foram utilizados também Diário de bordo e filmagens. Os principais teóricos utilizados pela autora foram Soares (2004; 2006); Manrique (2007); Street (2003; 2010); Castanheira(2004); Brougère (2008; 2010), Corsaro (2007; 2011) e Sarmiento (2006).

Como resultados desta pesquisa destaca-se que a ruptura entre as duas primeiras etapas da educação básica se mantém se forma acentuada. Em se tratando de letramento, alfabetização, cultura lúdica e infância destaca-se a falta de uma política local mais sistemática que efetive as políticas mais amplas, compreendendo que são concepções que perpassam o cotidiano da pré-escola e do 1º ano e que as práticas pedagógicas precisam construir referências para que a escola seja um espaço acolhedor dos interesses e das motivações dessas crianças. Isso não foi detectado na totalidade da pesquisa, principalmente quando ingressam no Ensino Fundamental, prevalecendo uma perspectiva de alfabetização mecânica que, ao invés de contagiar as crianças com o prazer de ler e escrever, acaba afastando-as com atividades maçantes e enfadonhas.

A autora traz, também, em sua afirmativa, a importância das práticas do professor no que se refere ao relacionar-se com as crianças no ouvir, ver mais e melhor o que fazem, gostam e sabem.

A terceira pesquisa, de Amaral (2008), em nível de mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná, objetivou compreender, a partir das perspectivas das crianças, o que é ser criança e viver a infância na escola, assim como verificar quais estratégias que as crianças constroem entre elas e com os adultos para a apropriação dos processos educativos na transição da educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental de nove anos.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal CEI Gralha Azul 3, na cidade de Curitiba/PR e desenvolvida entre os meses de agosto a dezembro de 2007 em uma turma de período integral na última etapa da educação infantil.

Os principais teóricos norteadores foram: Corsaro (2005); Pinto e Sarmento (1997); Kramer (2002; 2003; 2005); Rocha (2004); Goulart (2007).

Dentre os resultados apontados pela pesquisa, destaca-se que o ensino fundamental tem exigências em demasia, as tarefas são muitas e na educação infantil “tinha hora para tudo, para brincar e descansar”.

A partir das três pesquisas apresentadas, observa-se que nesse processo de transição da criança da Educação Infantil para o Ensino Fundamental existe unanimidade entre os autores em destacar a importância de se respeitar o aluno em sua singularidade e suas etapas e que é necessário focar no aprendizado deste

aluno, mas sem atropelá-lo enquanto criança.

Pode-se destacar, também, que o espaço escolar no que tange às práticas pedagógicas precisa ser revisto, pois o que deveria ser prazeroso e estimulante tem se tornado algo cansativo e tedioso, transformando o espaço que antes era de expectativa em um espaço fadado ao desencanto, ficando nítido o distanciamento entre aluno/criança. Concordamos com Arroyo (1999) quando diz que,

Não vemos nem conseguimos ver a infância, mas o adulto que nela sonhamos. A pedagogia tem sido cúmplice, ao longo de décadas, do olhar desfigurado que ainda temos da infância. Insisto num ponto marcante nesta pesquisa: a pedagogia termina por não dialogar com a infância e conseqüentemente por não entendê-la e por não ter cooperado o necessário com sua compreensão. Voltamos à constatação que fazíamos antes: a infância está ausente dos currículos de pedagogia, de formação de educadores, das teorias, da pesquisa educacional, porque não é um tempo humano que interessa em si. É um ausente". (ARROYO, 1999, p.15).

## 2.1 Quem está disposto a ouvir a criança?

Conforme determina o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a criança tem o direito de ser criança, de ser respeitada, de ter o direito a brincar, de afeto, de querer não querer, de sonhar e conhecer, garantindo o desenvolvimento mental, moral, espiritual, social com dignidade e liberdade.

Neste sentido autores como Corsaro (2005); Pinto e Sarmiento (1997) nos chamam a atenção para a importância de se ouvir a criança, formando-a como sujeito ativo, portanto atuante, merecedor de ter vez e voz. Pinto (1997) destaca que,

[...] as crianças têm algum grau de consciência dos seus sentimentos, ideias, desejos e expectativas, que são capazes de expressá-los e que efetivamente os expressam desde que haja quem os queira escutar e ter em conta. (...) há realidades sociais que só a partir do ponto de vista das crianças e dos seus universos específicos podem ser descobertas, apreendidas e analisadas (PINTO, 1997, p.65).

No processo de formação inicial muito se dialoga sobre a importância de se respeitar a infância, como ocorre o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. No entanto, na prática, dar vez e voz à criança, atendendo aos apelos naturais da infância, significa tirá-las do silêncio e não conformá-las aos modelos pré-estabelecidos de ensino e de organização. Assim, fica o questionamento, quem se propõe a ouvir a criança?

Rocha (2004), busca entender o que é ser criança e viver a infância na escola. Para a autora:

Dar voz às crianças tirá-las do silêncio, pesquisar a partir do ponto de vista delas, “com olhos de criança”, tem sido o objetivo de uma nova frente de pesquisas que vem utilizando as entrevistas com as crianças e o uso das fotografias e o vídeo (procedimentos até então não utilizados nas pesquisas da área da Educação Infantil), para conhecer as formas de ser criança no interior das instituições educativas (ROCHA, 2004, p.252)

## **2.2 O ensino fundamental de nove anos: aspectos legais**

No que tange a legislação quanto a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental a lei é clara quando fala sobre a articulação entre as duas etapas, trazendo no Plano Nacional de Educação (PNE 2014) na meta nº

1.13 a necessidade de qualidade no ensino e a articulação com o ensino fundamental, de preservar as especificidades da educação infantil na organização das redes escolares, garantindo o atendimento da criança de 0 (zero) a 5 (cinco) anos em estabelecimentos que atendam a parâmetros nacionais de qualidade, e a articulação com a etapa escolar seguinte, visando ao ingresso do aluno de 6 anos de idade no ensino fundamental.

O PNE (2014) em sua meta 5 traz em seu texto que a criança deverá ser alfabetizada até o final do 3º ano do ensino fundamental. Assim sendo, a possível cobrança por parte de alguns professores em receber o aluno já alfabetizado e familiarizado com o novo ambiente, que não deveria acontecer, constitui um dos aspectos que contribuem para esta possível ruptura entre ambas as etapas escolares.

Em fevereiro de 2006 com a alteração da Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional (LDB) o ingresso para o ensino fundamental passou de sete anos para seis anos de idade, mas a importância de se respeitar às especificidades da infância, o direito da criança a viver essa infância e o direito à educação infantil, se mantém, bem como seu posicionamento contrário a retenção das crianças até que se alfabetizem, impedindo assim seu ingresso ao ensino fundamental.

### **2.3 Aspectos pedagógicos: o que considerar na transição da educação infantil para o ensino fundamental**

São muitos os aspectos para serem observados nesta fase de transição e já destacamos alguns como, por exemplo, o respeito à singularidade, saber ouvir o que estas crianças dizem (e elas dizem muito), através de suas múltiplas linguagens de comunicação e a articulação entre os duas etapas de ensino.

Outro aspecto a ser considerado faz referência ao planejamento, de como é organizado o trabalho desenvolvido pelos responsáveis pela instituição sob todos os ângulos, para receber e manter aceso o interesse por parte do aluno em frequentar as aulas, com alegria, trazendo-o para junto e fazendo-o se sentir parte integrante/importante, portanto indispensável para todo o processo.

Destaque quanto à responsabilidade de se garantir que a aprendizagem ocorra de maneira tranquila, eficaz, contínua e crescente que, ao chegar nesta nova fase do ensino fundamental, requer deste aluno a realização de tarefas mais complexas o que ocasiona muitas vezes em práticas menos prazerosas solicitadas pelo professor, (vista sob a ótica do aluno) mas sendo possível alcançar os objetivos propostos desde que seja agregado o bom senso e o uso da criatividade. Para Goulart (2007),

As crianças precisam de tempo para brincar entre elas, definindo tipos de brincadeiras, papéis, tempos, normas. A escola das crianças de 6 a 10 anos, principalmente, não pode negligenciar esse ponto. As atividades livres são tão importantes quanto às dirigidas, não só para brincar, mas para a escolha de um livro, escolha de um colega de trabalho ou brincadeira, definição da organização de uma atividade, das cores para usar num desenho, entre muitas outras possibilidades. Essas decisões têm relevância para a construção da segurança interna, autonomia e responsabilidade da criança (GOULART, 2007, p.81).

Outro aspecto a ser considerado faz referência a cultura infantil que independente do contexto em que a criança esteja inserida sempre estará presente e de forma, muitas vezes, determinante na vida escolar, presente em suas opiniões mesmo que estas muitas vezes não estejam contempladas em suas escolhas.

Deve-se ter cautela, pois através das culturas destas crianças outras culturas são criadas, transformadas, elas mesmas criam e recriam, mas devido ao modelo do

adulto/cidadão/crítico idealizado pela sociedade acabamos por projetar nestas crianças o mesmo modelo que nos fora projetado enquanto alunos que fomos.

Por fim, trazemos as contribuições contidas na obra “Ensino Fundamental de nove anos: Passo a passo do Processo de Implantação” (2009) publicada pelo Ministério da Educação-MEC que trata dentre outros aspectos sobre a importância de se preservar as características da etapa de desenvolvimento, uma vez que os alunos de 06 anos ainda estão em um momento da vida em que o brincar é parte inerente de seu desenvolvimento e, portanto, é preciso uma readequação da escola para acolher essas crianças no ensino fundamental.

Essa readequação se faz em diferentes aspectos: gestão, materiais, projeto pedagógico, tempo e espaço, formação continuada de professores, avaliação, currículo, conteúdos, metodologias, além dos próprios conceitos de infância e adolescência.

Quanto ao livro didático ressalta-se a importância de um redimensionamento e reflexão sobre as condições de uso e destaca-se que a alfabetização e o letramento não podem ser tratados como processos que se concluem ao final do ano letivo, mas como etapas da aquisição e estruturação do código escrito, portanto, devem ser mais enfatizadas nesses dois primeiros anos e, ao mesmo tempo, devem ser flexíveis o bastante para propiciar a evolução dos alunos dentro de seus próprios ritmos.

### **3 PERCURSOS METODOLÓGICOS**

A presente pesquisa, realizada como trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, é de natureza qualitativa. De acordo com Lakatos (2011) a metodologia qualitativa de pesquisa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano, fornecendo, desse modo, uma análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamento. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa, por sua abordagem e pelas possibilidades a ela inerentes nos permitiu observar, inferir e estabelecer diálogos com autores que destacam sobre a importância de se ouvir a criança, formando-a como sujeito ativo, portanto atuante, merecedor de ter vez e

voz. Quanto aos procedimentos de análise de dados optamos por apresentá-los e discuti-los a partir de quatro categorias de análise.

Assim, na perspectiva de pesquisar o cenário atual da transição entre a educação infantil e os dois primeiros anos do ensino fundamental, procurou-se investigar se as rupturas entre ambas persistem, quais as causas e os impactos na vida estudantil destes sujeitos.

A pesquisa foi realizada em uma escola privada no município de Serra- ES com alunos, pedagogos, professoras do Nível 3 da educação infantil e 1º e 2º anos do ensino fundamental nos horários da manhã na escola.

Pesquisou-se, também, um espaço destinado às aulas de reforço escolar, oferecido por uma professora graduada em Matemática, fora do espaço da escola e também uma Psicóloga, por meio de uma entrevista, que atua na área atendendo às crianças que são encaminhadas pela escola, com a finalidade de acompanhamento psicológico como ferramenta facilitadora no desenvolvimento escolar. Como instrumentos de coleta de dados utilizei, diário de bordo, questionários e entrevistas.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os dados e discussões aqui apresentados resultam das observações, registros nos diários de bordo e nos conteúdos das entrevistas e questionários respondidos pelos participantes da pesquisa, da escola e das duas participantes da pesquisa, quais sejam, a Psicóloga e a profissional que oferece aulas de reforço escolar.

Para tanto, buscou-se organizar esses dados em quatro categorias, sendo estas relacionadas com os objetivos e problema enunciados inicialmente neste texto.

##### **a) Sobre os impactos presentes na transição da criança da educação infantil para o ensino fundamental**

1

A pesquisa realizada apontou que os impactos na transição da criança da educação infantil para o ensino fundamental ainda persistem, a escola relata que este impacto aparece no fundamental I mas relata também que os alunos da

educação infantil estão aptos e ansiosos para ingressarem no ensino fundamental, confirmando-se o que diz Goulart (2007),

As crianças precisam de tempo para brincar entre elas, definindo tipos de brincadeiras, papéis, tempos, normas. A escola das crianças de 6 a 10 anos, principalmente, não pode negligenciar esse ponto. As atividades livres são tão importantes quanto às dirigidas, não só para brincar, mas para a escolha de um livro, escolha de um colega de trabalho ou brincadeira, definição da organização de uma atividade, das cores para usar num desenho, entre muitas outras possibilidades. Essas decisões têm relevância para a construção da segurança interna, autonomia e responsabilidade da criança (GOULART, 2007, p.81).

Nas observações realizadas nas salas de aulas, foi percebido que na educação infantil já existe um pré julgamento quanto ao desenvolvimento dos alunos que já estão rotulados de preguiçosos. Diante de uma sala com 15 alunos, apenas 03 se destacam, segundo o olha da assistente de sala. Destaca-se a posição da mesa e cadeira da professora que fica no final da sala, ou seja, os alunos precisam se virar para poder prestar a atenção na aula, pois a professora não se posiciona adequadamente, mesmo sendo uma contação de histórias.

Nas observações realizadas nas salas de aulas dos 1º e 2º anos, verificou-se que as crianças, em sua maioria, acompanhavam a professora nas atividades corrigidas no quadro. Quando perguntados individualmente muitas não sabiam a resposta e a professora cobrava publicamente afirmando que já havia explicado a atividade em aulas passadas. Verificou-se que as crianças não conseguem permanecer sentadas durante todo o tempo de aula, circulavam pela sala, conversavam, mesmo sendo chamados a atenção pela professora regente. Esse contexto, é o que muitas vezes levam ao encaminhamento das crianças, ainda tão cedo para o serviço de Psicologia e/ou Reforço Escolar.

Em entrevista com a professora de aulas de Reforço Escolar, estes impactos ocorrem muitas vezes pelo fato de que as escolas ficam preocupadas com o conteúdo e não levam em conta que para a criança progredir ela precisa ter o conhecimento básico adquirido e acabam por ficarem deslocadas. A professora é graduada em Matemática e atua como professora de reforço há 5 anos devido a aposentadoria por invalidez. Ela atende os alunos por indicação, ora por escolas, ora

pelos pais.

Para a Psicóloga os alunos encaminhados, na maioria das vezes não precisam de acompanhamento psicológico. A profissional tem especialização em Saúde Coletiva, atua na área há 14 anos e atende aos alunos encaminhados pela escola por questões comportamentais e ou Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade-TDAH. Na opinião da profissional:

Ocorreram avanços na educação e vejo grande empenho dos professores aos alunos que recebo no consultório mas algumas escolas ainda têm dificuldades de lidarem com as crianças que estão fora do modelo mesa/cadeira. O papel dos professores é primordial, algumas crianças passam por medos principalmente diante do novo e das adaptações, esta transição pode acarretar algumas mudanças de comportamentos.

Corroborando essa ideia Arroyo (1999) escreve que:

Não vemos nem conseguimos ver a infância, mas o adulto que nela sonhamos. A pedagogia tem sido cúmplice, ao longo de décadas, do olhar desfigurado que ainda temos da infância. Insisto num ponto marcante nesta pesquisa: a pedagogia termina por não dialogar com a infância e consequentemente por não entendê-la e por não ter cooperado o necessário com sua compreensão. Voltamos à constatação que fazíamos antes: a infância está ausente dos currículos de pedagogia, de formação de educadores, das teorias, da pesquisa educacional, porque não é um tempo humano que interessa em si. É um ausente” (ARROYO, 1999, p.15).

Finalizamos as discussões dessa categoria de análise refletindo que existe um paradoxo que precisa se resolver. Ao mesmo tempo em as crianças da educação infantil são apresentadas como aptas e ansiosas para ingressarem no ensino fundamental, temos o relato do estranhamento das crianças aos novos modos de se comportar e uma resistência, não dita, mas observada, das professoras em promoverem mudanças e adequações à chegada das crianças pequenas ao ensino fundamental.

#### **b) Sobre as práticas organizativo-pedagógicas das escolas que recebem as crianças da E.I.**

Quanto às práticas organizativo-pedagógicas a escola relata que acolhem os alunos, orientam os pais e alunos o funcionamento da escola, apresentam todos os

espaços da escola.

Como cada aluno possui características próprias e, neste sentido a escola conversa com os pais procurando conhecer cada aluno em sua especificidade. Esse relacionamento vai se estreitando para que o aluno tenha um bom desempenho escolar.

Diante das observações feitas nas salas de aula, dos registros dos relatos da professora das aulas de reforço escolar e dos relatos da Psicóloga acredita-se que este procedimento realmente ocorra, porém durante o decorrer do ano talvez falte a continuidade no sentido de visualizar o aluno enquanto criança.

Neste sentido devemos dar voz às crianças e para isso é necessário que olhemos e pesquisemos o que é ser criança e viver a infância na escola. Rocha (2004) ressalta que,

Dar voz às crianças tirá-las do silêncio, pesquisar a partir do ponto de vista delas, “com olhos de criança”, tem sido o objetivo de uma nova frente de pesquisas que vem utilizando as entrevistas com as crianças e o uso das fotografias e o vídeo (procedimentos até então não utilizados nas pesquisas da área da Educação Infantil), para conhecer as formas de ser criança no interior das instituições educativas (ROCHA, 2004, p. 252).

Trazemos à memória a leitura e discussão do livro de Janusz Korczak, “Quando eu voltar a ser criança”, que traduz exatamente o que é ser criança e aluno, pois o aluno não deixa de ser criança uma vez que ele agrega o aluno em seu cotidiano. Talvez esse seja um dos componentes que faltem para que as mudanças necessárias sejam promovidas nos processos de ensino, aprendizagem e avaliação das crianças.

### **c) Quanto ao trabalho pedagógico com as culturas infantis escolares**

Quanto a este tópico a escola relatou que ouve a história que cada aluno traz consigo e aproveita-as dentro do espaço escolar trazendo para os projetos realizados no decorrer do ano letivo.

Diante das observações realizadas nas salas de aulas, não foram percebidas contradições, pelo contrário, observou-se que as crianças respondiam bem às diversas culturas ali presentes.

Pode-se perceber que existem as divergências entre eles, que discutem, brigam mas os professores fazem a interferência e a situação é resolvida na própria sala. Confirmando o que diz Pinto (1997)

[...] as crianças têm algum grau de consciência dos seus sentimentos, ideias, desejos e expectativas, que são capazes de expressá-los e que efetivamente os expressam desde que haja quem os queira escutar e ter em conta. (...) há realidades sociais que só a partir do ponto de vista das crianças e dos seus universos específicos podem ser descobertas, apreendidas e analisadas (PINTO, 1997, p.5).

A psicóloga também traz em seu relato a importância desta observação,

A relação escola/pais/aluno/criança é uma relação em que em primeiro lugar deve vir focando o bem da criança e o bom andamento das relações sociais. Que os pais estejam sempre atentos ao comportamento dos filhos, as dificuldades, que pratiquem uma escuta ativa com seus filhos e principalmente que determinem uma rotina para as crianças.

Neste sentido a reflexão se faz a partir da forma de como a comunicação acontece entre a criança e o mundo social ao qual ela está e como está inserida, ela se expressa claramente, expõe sua opinião sobre tudo o que está visível de várias maneiras.

É necessário iniciarmos a prática do diálogo, do ouvir e depois responder, estamos acostumados apenas a falar, ou seja ditar, dificilmente dialogar pelo fato de ser mais difícil, é uma arte para poucos.

#### **d) Quanto à avaliação praticada na escola de ensino fundamental**

A escola relata que a avaliação é feita diariamente através de atividades e brincadeiras e quando o aluno não alcança o objetivo proposto a escola aplica atividades diferenciadas e orienta o reforço escolar.

Para a professora de reforço escolar o que prejudica a avaliação em sala de aula é o fato dos professores não conseguirem detectar problemas pontuais o que faz com que a situação se agrave. Ressalta também a falta de disciplina de alguns pais que somente procuram ajuda quando seus filhos já estão na eminência de reprovação.

Ressalta que muitos pais por não terem conhecimento não conseguem ajudar

os filhos nas atividades escolares e neste sentido as aulas de reforço são primordiais pois o atendimento é individualizado.

Para a Psicóloga a avaliação na escola deve ser de maneira que desenvolvam um olhar para cada um, que não façam comparações e que principalmente estejam atentos aos pequenos sinais que eles demonstram, como suas dificuldades e seus medos por exemplo.

Neste sentido diante das observações realizadas nas salas de aulas percebe-se que as avaliações não acontecem apenas como a escola relata mas a avaliação também é feita rotulando um ou outro aluno e ao perceberem a diferença de como são tratados os alunos recuam e se fecham.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa teve como objetivo entender como ocorre o processo de transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental e identificar os principais impactos dessa transição, considerando o que as pesquisas anteriores apontaram.

Durante o processo de pesquisa foi possível observar que a problematização do tema continua relevante pois mesmo com os avanços na educação os desafios persistem.

Ressalta-se alguns pontos que acreditamos serem relevantes como: o fato de a escola relatar que os alunos estão aptos a ingressarem no ensino fundamental; que conhecimento que ocorrem impactos na transição entre a educação infantil para o ensino fundamental e que estes impactos são perceptíveis; que trabalham na conscientização dos alunos que ingressarão da educação infantil para o ensino fundamental fazendo uma visita nas salas de aulas do 1º ano que ocorre no fim do ano. No entanto, apesar disso os estranhamentos e dificuldades permanecem, pelo simples fato de se desconsiderar o aluno/estudante, como criança em primeiro lugar.

As aulas de reforço escolar e o acompanhamento psicológico, embora ferramentas utilizadas pela escola com a finalidade de ajudar os alunos, não

precisariam acontecer na maioria das vezes, caso se praticasse mais uma escuta ativa dos filhos, pelos pais, e que as crianças fossem mais ouvidas, no contexto da escola, pelos professores, além de não focar apenas no conteúdo mas no aprendizado de cada aluno.

Concluimos o texto com a clareza de que outros estudos precisam ser desenvolvidos sob essa temática, pois a despeito dos avanços é preciso provocar mais mudanças, especialmente no que se refere à concepção de infância de o que é ser criança. E o desejo de saber e provocar, “Quem está disposto a ouvir as crianças?”, continua, pois esse, em nosso olhar, é o caminho viável de se viver uma verdadeira experiência de ensinar e aprender com elas.

## **EVALUATION OF IMPACTS IN THE TRANSITION BETWEEN CHILD EDUCATION FOR FUNDAMENTAL EDUCATION - 1st AND 2nd YEARS**

### ***ABSTRACT***

The article on the screen aims to understand how the transition process of children of early childhood education for elementary school occurs and identify the main impacts of this transition in the lives of children by focusing on the initial series between the first and second years. The research is qualitative in nature and was held in a private school in the municipality of Serra. In this sense I listened to the professionals in the field of education in public school, tutoring lessons, and the area of Psychology; always associating them within what guides us Arroyo (1999). I sought to hear the subjects of this research, interpreting them through their narratives and behaviors which occurred in observations in the classroom and I also listened to parents on their perspectives on what they experience and/or have experienced. The survey results highlighted that despite advances in education, impacts on transition persisted because the children remained invisible on the student model that is desired and that more research on the subject needs to be performed because this challenge is far from over.

**Keywords:** education, Initial series, Elementary Transition Series

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Alessandra. **O que é ser criança e viver a infância na escola: A transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental de nove anos.** Universidade Federal do Paraná, 2008.

ARROYO, M. In: VEIGA, C. G.; FARIA L. M. de. **Infância no sótão.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Alteração da Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996.** Lei nº. 11.274, 06 de fevereiro de 2006.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação.** Lei nº 13.005/2014, de 24 de junho de 2014.

CORSARO, W.A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, maio-ago. 2005b.

GOULART, Cecília. **Ensino fundamental de nove anos: tempo de rever conceitos de infância, de ensino e aprendizagem e de escola.** Língua Escrita. Belo Horizonte, n. 1, p. 77-86, jan./abr. 2007.

LAKATOS Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica – Atlas 6ª Ed.** São Paulo. Atlas, 2011

MOTTA, Flávia. **De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental.** Educação e Pesquisa, São Paulo,

Revista Científica Doctum: Educação

DE PAULA, V. G.; ROCHA, H. A. Avaliação dos impactos na transição entre a educação infantil para o ensino fundamental – 1º e 2º anos

v.37, n.1, 220p. 157-173, jan./abr. 2011.

NOGUEIRA, Gabriela. **A passagem da educação infantil para o 1º ano no contexto do Ensino Fundamental de nove anos**: um estudo sobre a alfabetização, letramento e cultura lúdica. Universidade Federal de Pelotas, RS, 2011

PINTO, Manuel. A infância como construção social. In: PINTO, M. & SARMENTO, M. J. (coords). **As Crianças: Contextos e Identidades**. Braga: Universidade do Minho / Centro de Estudos da Criança, 1997. p. 33-73.

ROCHA, Eloísa Acires Candal. Criança e educação: Caminhos da pesquisa. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (orgs). **Crianças e Miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Portugal: Asa editores, 2004. p. 245-255

RIZZO, Gilda. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.